

PLATÃO

Platão (428-347 a.c.) era na verdade o apelido de Arístocles de Atenas (talvez porque tivesse ombros largos ou o corpo meio quadrado), nascido de família aristocrática. Após a condenação de Sócrates, seu mestre, viajou por vários lugares. Em Atenas, fundou a escola denominada Academia. Seus diálogos - em que a maioria traz Sócrates como interlocutor principal - abrangem as várias áreas da filosofia nascente, e por isso é o primeiro filósofo sistemático do pensamento ocidental. Sua influência foi sentida no helenismo (neoplatonismo) e adaptada à doutrina cristã inicialmente por Agostinho de Hipona (354-430).

Até hoje vigoram muitas de suas ideias sobre a relação corpo-alma, a política aristocrática e a crença na superioridade do espírito em detrimento dos sentidos.

Para melhor sintetizar a teoria do conhecimento de Platão, recorremos ao livro "A República", em que é relatada a famosa "alegoria da caverna":

Pessoas estão acorrentadas desde a infância em uma caverna, de tal modo que enxergam apenas a parede ao fundo, na qual são projetadas sombras, que eles pensam ser a realidade. Trata-se, entretanto, da sombra de marionetes, empunhadas por pessoas atrás de um muro, que também esconde uma fogueira. Se um dos indivíduos conseguisse se soltar das correntes para contemplar à luz do dia os verdadeiros objetos, ao regressar à caverna seus antigos companheiros o tomariam por louco e não acreditariam em suas palavras.

Observando a descrição da caverna, identificamos quatro formas da realidade: • **as sombras**: a aparência sensível das coisas; • **as marionetes**: a representação de animais, plantas etc., ou seja, das próprias coisas sensíveis; • o exterior da caverna: a realidade das ideias; • **o Sol**: a suprema ideia do bem; **O muro**: representa a separação de dois tipos de conhecimento: o sensível (que corresponde às duas primeiras formas de realidade) e o inteligível (às duas últimas). Platão distingue dois tipos de conhecimento: o sensível e o inteligível, que se subdividem em outros graus.

A alegoria da caverna representa as etapas da educação de um filósofo, ao sair do mundo das sombras (das aparências) para alcançar o conhecimento verdadeiro. Após essa experiência, ele deve voltar à caverna para orientar os demais e assumir o governo da cidade. Por isso a análise da alegoria pode ser feita pelo menos de dois pontos de vista: 1 - o político: com o retorno do filósofo-político que conhece a arte de governar; 2 - e o epistemológico: quando o filósofo volta para despertar nos outros o conhecimento verdadeiro.

A valorização da filosofia como conhecimento superior leva Platão à idealização do rei-filósofo: para o Estado ser bem governado, é preciso que "os filósofos se tornem reis, ou que os reis se tornem filósofos".

Opinião (dóxa) e Ciência (epistémé)

Na dialética platônica, o mundo sensível, percebido pelos sentidos, é o local da multiplicidade, do movimento; é ilusório, pura sombra do verdadeiro mundo. Por exemplo, mesmo que existam inúmeras abelhas dos mais variados tipos, a ideia de abelha deve ser uma, imutável, a verdadeira realidade. O mundo inteligível é alcançado pela dialética ascendente, que fará a alma elevar-se das coisas múltiplas e mutáveis às ideias unas e imutáveis. As ideias gerais são hierarquizadas, e no topo delas está a ideia do Bem, a mais alta em perfeição e a mais geral de todas - na alegoria da caverna, corresponde à metáfora do Sol. Os seres em geral não existem senão enquanto participam do Bem. E o Bem supremo é também a Suprema Beleza: o Deus de Platão. Percebemos então que, acima do ilusório mundo sensível, há as ideias gerais, as essências imutáveis, que atingimos pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos. Como as ideias são a única verdade, o mundo dos fenômenos só existe na medida em que participa do mundo das ideias, do qual é apenas sombra ou cópia. Platão supõe que o puro espírito já teria contemplado o mundo das ideias, mas tudo esquece quando se degrada ao se tornar prisioneiro do corpo, considerado o "túmulo da alma". Pela teoria da reminiscência, Platão explica como os sentidos são apenas ocasião para despertar na alma as lembranças adormecidas. Em outras palavras, conhecer é lembrar. A alma é, pois, imortal; renasceu repetidas vezes na existência e contemplou todas as coisas existentes tanto na Terra como no Hades e por isso não há nada que ela não conheça! Não é de espantar que ela seja capaz de evocar à memória a lembrança de objetos que viu anteriormente, e que se relacionam tanto com a virtude como com as outras coisas existentes. Toda a natureza, com efeito, é uma só, é um todo orgânico, e o espírito já viu todas as coisas; logo, nada impede que ao nos lembrarmos de uma coisa - o que nós, homens, chamamos de "saber"

PLATONISMO

Doutrina de seguidores de Platão. Tem maior expressão no neoplatonismo, que lança mão de teses fundamentais:

1 - A doutrina das ideias, segundo a qual são objetos do conhecimento científico entidades ou valores que têm um status diferente do das coisas naturais, caracterizando-se pela unidade e pela imutabilidade. Com base nesta doutrina, o conhecimento sensível, que tem por objeto as coisas na sua multiplicidade e mutabilidade, não tem o mínimo valor de verdade e podem apenas obstar à aquisição do conhecimento autêntico.

2 - A doutrina da superioridade da sabedoria sobre o saber, ou seja, do objetivo político da filosofia, cuja meta final é a realização da justiça nas relações humanas e, portanto, em cada homem.

3 - A doutrina da dialética como procedimento científico por excelência, como método através do qual a investigação conjunta consegue, em primeiro lugar, reconhecer uma única ideia, para depois dividi-la em suas articulações específicas.